



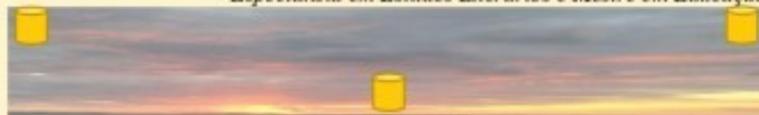
# TENDA DOS MILAGRES

**Um pequeno olhar**



**JOÃO BOSCO DA SILVA**

*Especialista em Estudos Literários e Mestre em Educação*



Jorge Amado - Tenda dos Milagres – Um pequeno olhar

Copyright © 2023 João Bosco da Silva

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, dos textos ou partes, constitui violação do direito autoral (lei nº 5.988/73 e lei nº 9.610/98)

Autor: João Bosco da Silva

Revisão: Douglas Eder e Sônia Nascimento

Capa e diagramação: Projeto Musicultural

Email: [prof.bosco.uefs@gmail.com](mailto:prof.bosco.uefs@gmail.com)

Twitter: @profBosco2511

---

SILVA, João Bosco da. Jorge Amado – Tenda dos Milagres – Um pequeno olhar. Instituto Paramitas: São Paulo, 2023.

ISBN: 978-65-00-80714-1

Índices para catálogo sistemático: 1. Jorge Amado 2. Tenda dos Milagres 3. Literatura 4. Romance 5. Estudo literário

## INTRODUÇÃO

Este livro é uma homenagem ao escritor baiano Jorge Amado de Farias, que nasceu na Fazenda Auricídia, povoado de Ferradas, município de Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912.

Os pais: João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, proprietários de fazendas de cacau. Modernista, escreveu romances realistas nos cenários rurais e urbanos da Bahia, cujas obras foram traduzidas em mais de trinta idiomas, além de trabalhos adaptados para a televisão e o cinema.

Por conta da enchente do rio Cachoeira, em janeiro de 1914, e epidemia de varíola, a família mudou-se para Ilhéus, onde viveu a infância.

Aos onze anos, foi levado para estudar internado no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, onde foi ensinado pelo padre Cabral, que via no estudante um futuro escritor.

Aos 12 anos fugiu para Itaporanga, em Sergipe, para a casa do avô. Não quis voltar para a escola e preferiu trabalhar na roça de cacau.

Depois foi internado no Ginásio Ipiranga, até os 14 anos.

Desde jovem, frequentador do candomblé, religião de matriz africana, que cultua os orixás. Por isso, vários pais-de-santo o procuravam para fazer amizade, mas perseguido pela polícia, como relata nos "Jubiabá" e "Tenda dos Milagres", por exemplo.

Em 1930, enganado pelo socialismo, enveredou na Juventude Comunista no Rio de Janeiro e entrou na Faculdade de Direito, mas não deu muita importância ao curso.

O primeiro romance, O País do Carnaval, foi publicado em 1932, conta a história de um intelectual brasileiro de formação europeia, frustrado, que resolve regressar à Europa.

O segundo romance "Cacau" lançado em 1933, teve vários exemplares apreendidos, mas logo liberado com a ajuda do jurista-político Osvaldo Aranha (1894-1960).

Em 1936 ele foi preso, por fazer parte da Aliança Libertadora Nacional, junto com companheiros, entre eles, Graciliano Ramos. Ele foi solto depois de dois meses. Em 1937 publicou Capitães de Areia, apreendida pela polícia, falando sobre os menores delinquentes da Bahia.

Em 1941 ele se refugiou na Argentina. Com o seu amadurecimento, a imortalidade deixou registrada a força expressiva contra a exploração do trabalhador urbano e rural e o coronelismo latifundiário.

Em 1945 ligado ao Partido Comunista, foi eleito deputado federal por São Paulo, mas em 1948 teve seu mandato cassado e foi morar em Paris, um país rico, como fizeram outros comunistas, que diziam ser pobres.

Em 1950 foi para a Tchecoslováquia, e em 1951 a Moscou. De volta ao Brasil, em 1958 escreveu Gabriela, Cravo e Canela, passando a entender melhor a sociedade, numa fase mais famosa, tratando de modo mais satírico e humorístico seus textos, com outras críticas mais inteligentes sobre as questões sociais modernas.

Em 1961 tomou posse na Academia Brasileira de Letras, eleito por unanimidade, onde ocupou a cadeira nº 23, antecedido por Octávio Mangabeira e após a sua morte, sucedido por Zélia Gattai (sua viúva) Algumas características da obra do autor, que faz parte da Geração de 1930 do modernismo brasileiro:

- Contrário do regionalismo romântico, sem caráter idealizador.
- Com as críticas sociopolíticas mostra os problemas sociais e negligência dos políticos.
- Linguagem objetiva, em textos claros e diretos, para entendimento imediato do leitor.
- Foca mais seus textos no Neorregionalismo, no caso dele, na Bahia.
- Neorealismo, com as narrativas realistas, com parcialidade do narrador.
- O determinismo com o qual os personagens se deparam, determinado pelo meio em que vivem, só mudando, com a transformação dos meios.
- O espaço é o meio imprescindível para a construção do personagem.
- O narrador busca envolver os leitores no enredo, para ficarem presos a leitura.

## PEQUENO OLHAR

Iremos fazer um pequeno estudo sobre o romance, para dar ao leitor uma melhor visão literária de Tenda dos milagres (2008 – Companhia das letras) Livro Lançado em 1969.

O local era uma pequena tipografia – como uma gráfica rápida, localizada na ladeira do Taboão, de Lídio Corró, que liga o comércio ao Pelourinho, local abandonado e degradado sem revitalização.

Naquele local, Lídio Corró pintava quadros com milagres dos santos, e Pedro Archanjo, um autodidata, atuava ali como um intelectual, assessorando afrodescendentes, defendendo a cultura africana com entusiasmo, causando indignação na cultura da elite branca e racista na cidade de Salvador.

O espaço também serve de ponto de encontro entre os praticantes do candomblé e a capoeira de Angola. Os vários nomes dos personagens são de pessoas reais.

Pedro Archanjo seria inspirado no negro Manuel Querino, que escrevia sobre antropologia e a genealogia da elite branca de Salvador.

O livro também serviu de base de adaptações para o teatro, cinema e televisão. Tudo começou com a chegada ao Brasil do famoso James D. Leveson, “um dos cinco gênios do nosso século”, segundo a Enciclopédia Britânica: filósofo, matemático, sociólogo, antropólogo, etnólogo, professor da Columbia University, prêmio Nobel de Ciência (...) Veio ao Rio de Janeiro ao convite da Universidade do Brasil para um Curso de cinco conferências na Faculdade de Letras. (p. 25)

Quem é esse tal de Pedro Archanjo, do qual nunca se ouviu falar? – interrogavam-se os jornalistas, boquiaberto. ( p. 27)

Na Bahia, apareceu até que o houvesse conhecido e tratado pessoalmente, como atestam os jornais. (...) todos se deram conta de que possuíamos um grande homem, um auto ilustre, e o desconhecíamos (...) (p. 29)

Não estava Archanjo assim tão distante no tempo como se imaginou a princípio: batera as botas em 1943, há 25 anos, aos 75 de idade, e, segundo consta, em circunstâncias singulares; encontram-no morto, caído numa sarjeta, altas horas da noite. (p. 30)

Lembra-se de seu compadre Corró, caído morto em cima do risco do milagre, um laivo de sangue no canto da boca. Lídio Corró morrera há muito tempo: uns quinze anos, talvez mais. Há quantos, meu bom? Dezoito, vinte? (p. 31) (...) o turco Maluf. (...) Rosa de Oxalá, perdição de mulher, tantas o velho amara e tivera, nenhuma se lhe comparava no entanto, por ela sofrera o indescritível, fizera bobagens, papéis ridículos, pensara em morrer e em matar. (p. 32) Como foi mesmo que o ferreiro falou? Tinha de tomar nota no caderno para não esquecer, já estava esquecendo. (p. 32, 33)

Cai no passeio, rola devagar para a sarjeta. Ali seu corpo permaneceu, primeiro coberto só de escuridão; depois vieram os laivos da aurora e o vestiram de luz. Mané Lima, pegado de surpresa, de começo sem voz, solta depois um grito medonho: - É Pedro Archanjo! (p.33)

Ester (...) puxava os cabelos e batia nos peitos: - ai, Archanjo, meu santo, porque não disse que estava doente? Agora, Ojuobá, como vai ser? Ester se abraçou com ele em prantos. (p. 36)

O dinheiro para o enterro proveio sobretudo das mulheres da vida. Sim, porque, além do dinheiro, Rosália recolhia casos, recordações, ditos, lembranças (...) (p. 39)

(...) pastor de donzelas, sedutor de casadas, patriarca de putas, Pedro Archanjo, com umas e outras, povoou o mundo, meu bom. (p. 42)

Dos Orixás, Archanjo sabia a completa intimidade; de outros heróis também: Hércules e Perseu, Aquiles e Ulisses. (p.43)

O carro fúnebre e os ônibus superlotados partem para o Cemitério das Quintas onde, em terras de sua Confraria Católica, Ojuobá, os olhos de Xangô, tem direito a direito a Jazigo perpétuo. (p.44)

Prossegue o enterro subindo a ladeira (...) No meio da encosta o Professor Azevedo toma de uma alça do Esquife (...) Chegam finalmente à porta do cemitério. (...) Então, quando se fez silêncio total, e os coveiros tomaram de Pedro em seu caixão, uma voz solitária se elevou, trêmula e grave (...)

Era mestre Budião (...) (p. 45)

Ana Mercedes (...) musa e baluarte da novíssima geração poética, participou do movimento participação através do hermetismo (...) “Fausto Pena, autor de O arrote, um dos mais significativos líderes da jovem poesia”, escreveu no jornal da cidade Zino Batel, autor de Viva o cocô, não menos líder, nem menos significativo. Estudante de jornalismo na mesma faculdade, onde, dois anos antes, eu obtivera diploma de sociólogo, Ana Mercedes alugara por vil salário, o brilho de sua inteligência a redação do Diário da manhã (...) (p. 47 e 48)

Do poeta Ildásio partiu para a música popular, parceira do compósito Toninho Lins, mas na cama do que é letra e melodia. Quando Levenson chegou à Bahia, meu caso com Ana Mercedes atingira o se momento fulminante: Paixão definitiva, amor eterno. (p. 50)

Fez-se necessária a vinda de James D. Levenson, prêmio Nobel, para que eles se convertessem e assumissem o comando da tardia glória de Archanjo. (p. 52)

O professor Azevedo, em seu depoimento, da conta do imenso sacrifício feito pelo paupérrimo Bedel (Pedro Archanjo) (...) Seu amigo e compadre Lídio Corró, riscador de milagre, flautista e festeiro, montada de minuta tipografia na ladeira do Taboão. (p. 55 e 56) Um dos livros porém (...)

Apontamentos sobre a mestiçagem das famílias baianas, imprimiram-se apenas 142 volumes (...)

A culinária baiana – origens e preceitos mereceu melhor sorte. Um fulano Bonfanti (...) estabelecera-se na Praça da Sé com sortido sebo (...) editada alguns livrecos destinados a ajudar estudantes relapsos nos exames do Ginásio da Bahia e dos Liceus particulares. (...) (p. 56)

Não foi pacífico o acerto da edição, querendo Bonfanti reduzir o texto às receitas, com meia página do prefácio, se muito, enquanto Archanjo exigia a publicação na íntegra, sem cortes: finalmente o livro saiu completo (...)

Quando Archanjo morreu, Bonfanti ainda tinha pequeno encalhe, uns poucos volumes. (p. 57)

Raros, raríssimos aqueles que podiam meter a mão no trinco e entrar direto na sala do dr. Zezinho Pinto, diretor e “dono” do Jornal da Cidade, (...) O Major Damião de Souza, porém, tinha trânsito livre em toda parte; meteu a mão ossuda, o trinco funcionou, foi entrando (...)

Pois eu vim aqui para falar de Pedro Archanjo. (...)

Archanjo na Bahia, fica relegado, esquecido, abandonado. (p. 58) - Archanjo? Você o conheceu, Major? É verdade? - Se conheci? Quem me ensinou a ler? Quem o encontrou morto na ladeira do Pelourinho? Escapou de ser meu Pai, porque sinhá Terência, minha vó, só veio a encontrá-lo depois que o torto Souza deu o suíte na família e ela montou barraca no Mercado do Ouro. (p. 59)

- Faz 25 anos que ele morreu, exatamente. E em dezembro, uma semana antes do Natal, no dia 18, fará cem anos que ele nasceu. (...)

- O que foi que disse, Major? Repita isso! (p. 62)

- É verdade: O centenário de Archanjo. Quando festejou os 50, meu doutor, a festa foi de arromba, uma semana inteira, que semana! Agitado. O dr. Zezinho pusera-se de pé, e anunciou:

- Uma semana? Ora, uma semana .... O centenário, Major, vamos comemorar o ano inteiro, a começar de amanhã. Ari estava de acordo:

- O Jornal está mesmo precisando de uma boa campanha. Desde que não se pode atacar o governo, a venda só faz cair. O dr. Zezinho Pinto dirigiu-se ao Major:

- Major, você me deu a ideia para a promoção do ano: O centenário de Pedro Archanjo. Nem sei como lhe agradecer, como lhe pagar. (p. 63) (...) o repórter Peçanha comentar (...)

- Eu nesta fossa medonha que não há bolinha que dê jeito e o Matusalém a me encher com a tal de Tenda, onde o chato do Archanjo bancava o autor, dizia versos, uma cafonice geral. Vocês sabem o que eu penso? Esse Archanjo não passou de um palhaço. (p. 66) Quando o Afoxé despontou no Politeama, ouviu-se um grito uníssono de saudação, um clamor de aplausos: viva! Viva! Vi ô ! o dr. Francisco Antônio de Castro Loureiro, direto interino da Secretaria de Polícia (...)

Quem ousara, então? Ousara o Afoxé dos Filhos da Bahia; nunca saíra antes e jamais se concebera e vira Afoxé assim (...) Duplamente ousara, pois trouxe às ruas a República dos Palmares armada em guerra, os heroicos combatentes e Zumbi, seu chefe e comandante (...) (p. 67)

Foi assim a primeira e última apresentação, o desfile único do Afoxé Os Filhos da Bahia, trazendo à rua Zumbi dos Palmares e seus combatentes invencíveis. Um boleguim gritava ordem: prendam aquele pardo, ele é o cabeça de tudo. Mas o pardo cabeça de tudo, Archanjo, sumira num beco, ladeira abaixo, com mais dois. (p. 68)

Em 1918 os Afoxés retornaram, após 15 anos de proibição, mas Archanjo já não lhes deu tempo e o interesse de antes (...) (p. 69)

A polícia finalmente agiu em defesa da civilização. (...) Agora podem desembarcar sábios austríacos, alemães, belgas, franceses, ou da loira Albion. Agora, sim, podem vir. Mas quem veio foi Kirsi, a Sueca (...) (p. 71)

A impetuosa Ivone roeu seu ciúme na Tenda de Miro, em murmúrios de xingos: “barata descascada”. (...)

Ela se chama Kirsi. – Entendeu Archanjo, e pronunciou: - Kirsi. (p. 72)

O vento trazia farrapos de risos; longe, no areal, Archanjo e a Sueca, de mãos dadas. (p. 73) Andaram ruas e ladeiras, ele lhe mostrou a Tenda dos Milagres de portas fechadas. (p. 74)

Mestre Lídio Corró, debruçado sobre o papel, desenha e pinta, risca o milagre. (p. 75) Naquele carnaval ninguém vira Rosa de Oxalá. (...) Na presença do doutor Francisco Antônio com sua fama de coragem e crueldade, medonho bandidos perdiam a pabulagem, os criminosos mais temíveis de medo se mijavam. Pois esse herói da polícia, esse capitão do mato, fora posto em ridículo nas ruas da cidade, em praça pública (...) (p. 76 e 77)

Riscando o milagre portentoso, Lídio deixa a imaginação correr (...) Lídio Corró – seu nome de riscador chegara ao sul e ao sertão. De ilhéus a Cachoeira, de Belmonte e Feira de Santana, de Lençóis e até de Aracaju e Maceió desembarcavam fregueses para a Tenda. (p. 77)

(...) escreve ao pé do quadro: “grande Milagre que fez Nosso Senhor do Bomfim, no dia 15 de Janeiro de 1904, à família de Ramiro Assis, quando, viajando o mesmo de Amargosa para Morro Preto, com esposa, irmã solteira, três filhos e mucama, viu-se à noite atacado por uma onça, na clareira onde dormiam. Gritaram pelo Senhor do Bomfim e a onça ficou inerte e mansa e foi embora”. (p. 78) (...)

O riscador escreve seu nome e o endereço: Mestre Lídio Corró: Tenda dos Milagres, Taboão, nº 60. Na meia luz do fim da tarde, ao roxo clarão crepuscular, Mestre Corró, sincero e comovido, admira o trabalho terminado: Uma beleza. Mas uma obra prima a sai dessa oficina, da Tenda dos Milagres. (Se Rosa consentisse, ele mudaria o nome para Tenda de Rosa e dos Milagres) (...) (p. 79)

A animação cresce na tenda dos Milagres, desde que o acender das lamparinas a hora do espetáculo. (p. 80)  
Termina a função, saem os fregueses em gaitadas (...)  
Por dois vinténs até que não é caro. (...) de não entrega-lo, deixando na parede da oficina. Na sala da tenda dos Milagres, entretanto, há apenas um milagre na parede pendurado.



Representa e mostra a figura de um indivíduo lívido e esquelético, vítima de tuberculose galopante (...) uma sua tia (...) recorreria Nossa Senhora Candeias e lhe entregou a sorte do sobrinho em mar de sangue.

Manuel de Praxedes, presente ao encontro, ficou de olho cheio, chegado como era a uma gorda: “Gosto de sentir carne na mão: quem gosta de osso é cachorro (...)” (p. 81) (...)

disse que ele também era muito devoto das Candeias, não perdia a festa, com sol ou chuva para lá se mandava todo ano. Por falso e falho, o único milagre a permanecer na parede da oficina, dependurado entre a oleogravura de São Jorge com seu cavalo branco, e o dragão de fogo, e o cartaz do Moulin Rouge de Paris, assinado por Toulouse-Lautrec (...) Uma tipografia, sua única ambição na vida e a há de realizá-la. (p. 82)

Uma vez ia Rosa pela rua em trajes de festa, pois se destinava à Casa Branca (...) Lídio Corró assume a flauta e o som acorda estrelas; no violão Pedro Archanjo busca a lua e a traz de longe – Para Rosa tudo é pouco, dela nasce o samba na tenda dos Milagres. A flauta geme amor, soluça. (p. 83, 84)

Rosa sempre chega assim, inesperada, vem se súbito. (...) sem prelúdio e sem delongas, Lídio, que de há muito a cobiçava, imediatamente quisera oficializar a ligação: “Traga seus teréns e mude logo”. Mas bastou ele falar em juntar os trapos, ela fez-se séria e dura, a voz amarga em ameaça e advertência: “Nunca me fale nisso, nunca mais, senão não volto. Se me quiser, se gosta de mim, tem de ser assim (....)”. (p. 84)

Só Majé Bassã a temível e doce mãe, ela e mais ninguém sabe de Rosa e de sua vida, o resto é falatório. Em frente aos dois. Pedro Archanjo nada demonstra; do fogo a devorá-lo ninguém há de saber; Lídio não pode sequer desconfiar e Rosa muito menos. (p. 85)

Era o momento de assumir a posse de Rosa (...) Archanjo luta com o sonho (...) Na gringa te esquecerei, e em Sabina, em Rosenda, em Risoleta: te esquecerei em muitas outras(...)

Em todas elas, Rosa de Oxalá, tia indecifrável advinha, teu proibido eterno amor. (p. 87)

Saiu Archanjo a conhecer o mundo. Por onde passou, foi aprendendo.

Não escolheu trabalho – grumete, moço de bar, ajudante de pedreiro, redator de cartas a despachar para os confins de Portugal notícias e saudades de broncos imigrantes.

Ao regressar do Rio, tinha 21 anos e um gosto janota no vestir; tocava violão e cavaquinho. Empregou-se na Tipografia dos frades e meses depois, em noites de reisados deu com Lídio Corró a ensinar pastoras, fina ocupação.

Três anos após o encontro no terno da estrela D'alva, tendo vagado o andar térreo do sobrado, nº 60, Lídio o alugou e com capricho fez o desempenho do letreiro, cada letra numa cor: Tenda dos Milagres. Archanjo escolhera o nome. Fizera-se uma espécie de sócio de Corró. A meta de Corró: a tipografia democrática (...) (p. 89)

Foi a partir desse tempo moço de vinte e poucos anos, que Pedro Archanjo deu na mania de anotar histórias, acontecidos, notícias, casos, nomes, datas, detalhes insignificantes, tudo que se referisse à vida popular. (...) teria sido o próprio Orixá quem ordenara Archanjo (...) Para isso fizera-o Ojuobá (...)

Ao 32 anos, exatamente em 1900, Pedro Archanjo foi nomeado Bedel da faculdade de Medicina (...) (p. 90) O lugar fora obtido graças a intervenção de Majé Bassã (...) Entre todos, moços, velhos ou novos, pobres ou ricos, Pedro Archanjo era o preferido, o Corifeu. (p. 91) As relações de Pedro Archanjo com os alunos de Medicina eram muito boas. Calouros e doutorandos iam vê-lo na Tenda dos Milagres ou na Escola de capoeira de Mestre Budião (...) (p. 93)

Para o douto Nilo Argolo a desgraça do Brasil era aquela negriada, a infame mestiçagem. - Na minha família o sangue é puro, não se sujou com negro, galhas a Deus. Pedro Archanjo (...) olhou o rapazinho: - tem certeza, meu bom? Quando você nasceu sua bisa já era morta. Sabe como ela se chamava? Maria labaci, seu nome de nação. Seu bisavô, homem direito, casou com ela. (p. 94)

Nunca mais nenhum estudante abusou Archanjo com tais assuntos. (p. 95) Fausto Pena (...) Por ter sido honrado com a escolha e o contrato (verbal) do grande Levenson para pesquisar a vida de Pedro Archanjo (...) dizem de mim e de Ana Mercedes cobras e lagartos

(...) sou um pesquisador e não um louco ou um aventureiro em busca de provocação e de cadeia. Não se reduziram os canalhas as árias das esquerdas, foram mais longes e fecharam-me as portas dos jornais. (p. 96) Pois acreditem: fui recebido com paus e pedras e entre mim e o dr, Zezinho semearam obstáculos de toda ordem. (p. 97) Gastão Simas (...) da comissão executiva responsável pelas comemorações do Centenário de Pedro Archanjo. (...) o que possibilita a grana, o faturamento. (p. 103)

Da Faculdade de Filosofia veio o Professor Azevedo, em caráter pessoal, trazido pelo projeto de Seminário, entusiasta da ideia. O Professor Ramos escrevera-lhe do Rio, pedindo sua ajuda (...)

O Professor Azevedo tinha em preparo documentada tese sobre a contribuição de Archanjo à solução brasileira do problema (...) (p. 107) “Pedro Archanjo é um filho da Faculdade de Medicina, sua obra é parte de nosso sagrado patrimônio (...)”. (p. 114)

As labás não gozam, já sabemos; mas também não amam e não sofrem porque, como está provado, às labás falta coração (...) (p. 117)

Rolaram pela ladeira, penetrados, foram para no areal do porto e atravessaram a noite. Durou três dias e três noites o grão embate (...) deu-lhe um tangolomango e em gozo e ela se abriu como se rompe o céu em chuva. Adormeceu então, realizada fêmea, mas não mulher ainda, há não! (p. 119)

Difícil quebrar a castanha do mestiço. Outros o tentaram (...) mas nenhum o conseguiu. A não ser Rosa – se alguém ensinou a Archanjo a dor de amar e o venceu foi Rosa de Oxalá e mais ninguém. Quem não soubesse dos particulares julgaria Lídio Corró autor de A vida popular da Bahia, o primeiro livro de Pedro Archanjo. O aprendiz ouvira a leitura dos capítulos, ajudara na composição e na revisão desse primeiro bloco de linhas. (p. 120)

O aprendiz chamava-se Tadeu e tinha gosto pelo ofício. Foi em noite de cachaça extensa: numeroso grupo atento ouvia Pedro Archanjo contar caso; (p. 121) Então Pedro Archanjo tomou da caneta e escreveu. Lídio foi de fundamental ajuda(...)

Quando iniciaram o livro, a imagem pernóstica de determinados professores e o eco das teorias racistas estavam presentes (...) À proporção, porém, que páginas e capítulos foram crescendo; Pedro Archanjo esqueceu professores e teorias (...) Já então escrevia com prazer indescritível quase sensual buscando tempo, dando ao trabalho em cada instante livre. Na noite insone da oficina (...) Salta o aprendiz Tadeu do sono e do cansaço, ao ver o papel coberto de letras impressas, as primeiras páginas(...) (p. 124)

(...) resumo de seu saber, sua verdade: “É mestiça a face do povo brasileiro e é mestiça a sua cultura”. Lídio Corró, um sentimental, sente um aperto no peito, ainda há de morrer numa hora dessas de emoção. Pedro Archanjo mantém-se sério (...) (p. 125) De repente se transforma e ri, seu riso alto claro e bom, sua infinita e livre gargalhada, pensa na cara do professor Argolo, na dor do dr. Fontes, dois luminares (...) Perdulário, Lídio Corró enviara exemplares para diversos professores. À revelia de Pedro Archanjo, despachara exemplares para a Biblioteca Nacional, no Rio (...) (p. 132)

Para os estados Unidos, para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Para os professores Nilo Argolo e Oswaldo Fontes, o próprio Archanjo deixara exemplares na secretaria da Faculdade. (p. 133) Ouça: isso tudo, toda essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varreremos da vida e da cultura da pátria, nem que para isso seja necessário empregara violência. - Quem sabe, matando-nos a todos ... um a um senhor professor. - Não creio necessário chegar a tanto. Basta que se promulguem leis proibindo a miscigenação (...) (p. 136)

Na Tenda, as dificuldades de dinheiro cresceram com a publicação do livro-me Lídio Corró nunca se vira em tão grande aperto. (p. 137)

(...) nessa promoção do centenário de Pedro Archanjo (...) as cinco vencedoras do prêmio (as bolsas)

Aguardente Crocodilo. Crocodilo, que coisa! (p. 157)

Pedro Archanjo. 18/12/1868, na cidade do Salvador, estado da Bahia. Filho de Antônio Archanjo e de Noemia de tal, mas conhecida de Noca de Logum Edé. Do pai sabe-se apenas ter sido recruta da guerra do Paraguai (...)

Tendo aprendido sozinho a ler, frequentou o Liceu de artes e ofícios onde adquiriu noções de diversas matérias e da arte tipográfica (...) Publicou quatro livros – A vida popular na Bahia (1907); Influências africanas nos costumes da Bahia (1918); Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas (1928); A culinária baiana – origem e preceitos (1930) (...) (p. 159)

Relegada ao esquecimento durante muitos anos, a obra de Pedro Archanjo tornou-se internacionalmente conhecida e admirada. Foi publicada em inglês nos Estados Unidos, integrando a notável Enciclopédia obre a vida dos povos subdesenvolvidos, editada sob os auspícios da Columbia University (...) Mulato, pobre, autodidata. Faleceu em 1943, aos 75 anos de idade. Texto redigido pelos ases da Doping Promoção e Publicidade S/A (...) cujo centenário comemoramos esta ano, sob o patrocínio do Jornal da Cidade e da Aguardente Crocodilo (...) Orgulho da Bahia e do Brasil, cujo nome elevou no estrangeiro (...) o centenário desse magnífico (...) atendendo a convocação do Jornal da Cidade que leva a cabo

mais uma campanha memorável e patriótica. A aguardente crocodilo (...) já é parte integrante do folclore baiano (...) (p. 160, 161)

O gaiato crocodilo organizou um grande concurso nas escolas primárias de Salvador (...) Pedro Archanjo (...) do primeiro ao quinto grau escreverá sua impressão, concorrendo a uma das cinco bolsas de estudo (...) Junto com a meninada das escolas públicas de Salvador, o gaiato crocodilo grita: “Viva o imortal Pedro Archanjo!”. (p. 162)

Morreu velhinho, em 1943, e seu enterro foi uma consagração, tendo a frente o governador, o prefeito e os professores da Faculdade. O exemplo de Pedro Archanjo nos ensina como um menino pobre se tiver disposição e estudar de verdade, pode ingressar na alta sociedade (...) (p. 163)

O professor Virajá aconselhou a Pedro Archanjo o estudo do alemão e Frei Timóteo o prior de São Francisco, o amigo de Majé Bassã, se prontificara a lhe dar aulas. (p. 174)

Amor: as avós dançando na tenda dos Milagres, na noite (...) Tadeu é o centro das atenções e homenagens.

A emoção no rosto feliz (...) engenheiro Tadeu canhoto (...) na Tenda dos Milagres (...) (p. 177)

O assunto da discussão perdera-se na cachaça: viu-se de faca em punho, gasta e afiada lâmina de cozinha. Em sua frente, empunhando uma raxa de lenha, Boca suja a ameaçá-lo: “vou lhe rachar no meio, seu xibungo”. Caiu de um lado Boca suja, varado pela faca, morto de vez, caiu do outro Zé da Inácia, inconsciente da cachaça e da paulada. (p. 186)

Zé da Inácia em socorro da esposa. Em defesa da honra do seu lar. Por unanimidade, o Conselho de sentença absorveu o réu (...) Zé da Inácia. (p. 189)

Preciso lhe falar padrinho – repetiu Tadeu. (p. 190)

Archanjo ouvia (...) se já resolvera tudo e até passagem no navio reservara? (...) acho que você pena direito. (...)

Tadeu decidira (...) para o Rio de Janeiro, onde integraria a equipe de engenheiros que soube o comando de Paulo de Fronti (...)

- É minha oportunidade padrinho. (p. 191)

No fim da tarde, Pedro Archanjo e Lídio Corró acompanharam Tadeu ao cais de embarque. (p.193)

- Pedro Archanjo? – A moça estendeu a mão fina, veias azuis, dedos esguios: - Me chamo Lú, sou a noiva de Tadeu. – Noiva? – sorriu Archanjo. Minha menina, vai ser o fim do mundo, se prepare. (...) sebo de Gioseppe Bonfanti (...) Pedro Archanjo espia com rabos de olho os exemplares de Influências Africanas e os Costumes da Bahia. (p. 194)

Mestre Archanjo atravessa a praça: o livro custara-lhe dez anos de esforço e disciplina; para escrevê-lo (...) (p. 195)

Aos 50 anos Pedro Archanjo mergulhou na vida com avidez de um adolescente. (p. 197, 198)

Do livro ocupou-se Mestre Lídio Corró (...) para ele os livros do compadre eram uma espécie de nova bíblia. O riscador de milagres (...) despachara volumes para críticos, professores, jornalistas e gazetas. (...)

registre-se alguma venda em livrarias – parca, em bem verdade – não só na Bahia, mas também no Rio. (p. 198)

Pedro Archanjo apenas disse: (a Rosa) - Como você pode saber o que eu penso? - De tu, Pedro, sei tudo, mais do que de mim, sei teu

pensamento. (p. 202)

- Agora, Pedro, sou mãe de mulher casada, da esposa do doutor Altamiro, sou parente dos Lavignes. Agora se acabou, não tem mais Rosa de Oxalá. Assim como veio assim partiu. Uma vida inteira, um segundo apenas. (p. 205, 206)

- E se a gente saísse por aí e acabasse como uns candomblés?

- propôs Candinho faroleiro. (p. 209)

Por muitos anos prolongou-se a guerra santa, a cruzada civilizadora. (...) de Pedrinho gordo (...) prometera acabar com a feitiçaria, o samba, a negralhada. "(...) vou limpar a cidade da Bahia". Manuel de Praxedes recebeu nas costas a carga inteira do revolver de Samuel cobra coral. Entregues às autoridades competentes, o criminoso e a arma do crime (...)

- Foi preso em flagrante no ato de matar. (p. 213)

O delegado Pedrito gordo perguntara:

- O que foi que aconteceu?

- Um macumbeiro me atacou na rua (...) Atirei nele, não ia a apanhara de feiticeiro. Guerra é guerra, disse o delegado auxiliar. (p. 214)

Tadeu lhe entregou a carta de seu chefe e pediu a mão de Lú.

- Você diz que quer casar com Lú?

- Emilia, venha cá, depressa! Traga Lú! Depressa! A ela se dirigiu o fazendeiro:

- Minha filha, este senhor aqui presente surpreende-me com um absurdo pedido e diz que o faz com teu consentimento. É mentira dele, não é?

- Amo Tadeu e quero casar com ele. (p. 217)

Era visível o esforço do Coronel para se controlar e não parti para a moça, às bofetadas. Uma boa surra é o que ela merecia.

- Retire-se. Depois conversaremos. Lú sorriu animosa para Tadeu, deixou a sala.

- O senhor abusou da confiança que lhe depositamos. Por ser colega do meu filho (...)

- Ainda bem que o defeito e que me acusa é somente a minha cor. - Saia! Rua! (p. 218)

- A verdade é que fiquei com raiva, Tadeu, com raiva do que esperava. E agora o que você pena fazer? - casar com Lú, é claro. Pedro Archanjo (...) traço um plano de rapto e fuga num instante.

- Não, padrinho. Nem rapto nem fuga. Lú e eu já decidimos tudo. Daqui a oito meses Lú completará 21 anos, será maior de idade, dona do seu destino. (...) será melhor assim. (p. 219)

- Nós achamos, Lú e eu. Na Tenda dos Milagres, Lídio Corró deslumbrava os amigos cintando os êxitos de Tadeu na capital. (p. 220)

Muita coisa mudara na Tenda dos Milagres. A tipografia tomou conta da grande sala e da antiga puxada. O movimento crescera demais, já não sobra tempo a mestre Lídio, nem mesmo para riscar milagres. (p. 222)

Aproxima-se a data do aniversário de Lú, a maior idade. Durante meses a moça estivera exilada na fazenda, em companhia da mãe. (...) quem se opõe mesmo é papai. (...) “Minha filha casará com genro de meu gosto e escolha”. Aliás, já escolhera (...) dr. Rui Passarinho. (p. 223)

Casamento contra a vontade da família, porém, legal, ah! (...) (p. 224)

Lú saiu de casa cedo e não voltou. Deixara um bilhete dirigido aos pais, dramático e lacônico:

“Não me queiram mal, vou me casar com um homem a quem amo, adeus”. Correu o coronel Gomes ao escritório do dr. Passarinho, disposto a impedir de qualquer maneira o casamento, a reaver a filha, a botar Tadeu na cadeia. - Desculpe-me Coronel, mas o dr. Tadeu canhoto não é um zé ninguém. Trata-se de um grande engenheiro, goza de real conceito, é homem de grande futuro. Quanto a Lú, já não é uma criança, tem 21 anos (...) - Um mestiço! (...)

- O que lhe impressiona, prezado coronel, é a cor, não a raça. Na Bahia, Coronel, é difícil dizer quem não é mestiço. (p. 231) O chefe de polícia mandou avisar ao coronel que lamentava nada poder fazer (...) Dias depois, na mais estrita intimidade, realizou-se o casamento. (p. 233)

- Ah! Dona Eufrásia, a madama foi para o casamento. Quem me dera assistir! - ah! Empregada desfazia-se em excitação.

- O casamento? De minha neta? De Lú? É hoje? Onde? Na casa de Silva Virajá? “Depressa, chofer! Talvez ainda chegue a tempo de ver alguma coisa”. Chegou quando frei Timóteo abençoava os noivos, na hora do beijo. (p. 234)

De 1920 a 1926, enquanto durou o reinado do todo poderoso delegado auxiliar, os costumes de origem negra (...) foram objeto de violência contínua e crescente. Entre as vítimas de atropelos e brutalidades, nesse período de fúria desatada, encontrava-se o pai de santo Procópio Xavier de Souza (...) Constantemente preso, tinha nas costas as marcas de chicote de couro cru, lanhos de sangue. Nada o abateu, não se deixou derrotar. (...) - Meu santo ninguém vai me impedir de festejar. (p. 236)

Procópio ouviu a ameaça final: - Ouça meu conselho: feche o terreiro, jogue fora os atabaques, manda os santos à merda e eu lhe dou um lugar na polícia. - Meu santo ninguém vai me impedir de festejar. (p.237)

Nos becos e caminhos já se dava Procópio por defunto. “Como não hei de fazer a festa de meu santo?” Disse a Pedro Archanjo na Tenda dos milagres. (p. 238)

Pela primeira vez o delegado auxiliar trouxe Zé Alma Grande a uma diligência de candomblé. (p. 239)  
- Pare, Procópio! Acabe com isso! – ordenou o delegado:

- Entregue-se e deixo os outros ir embora. (...) Contam que, nessa hora exata, Exú, de volta do horizonte, penetrou na sala. Samuel cobra coral e Zacarias da goméia não tiveram escolha, puseram-se no caminho entre o demônio e o delegado. Zé Alma Grande segurou Samuel cobra coral, o matador de Manuel de Praxedes (...) Depois, com toda a força, o atirou no chão, de cabeça para baixo. (p. 240)

O chefe de polícia aceitou o pedido de demissão de Pedrinho gordo. (...) Durante meses ninguém botou os olhos em Pedrinho nas ruas da Bahia, partira para a Europa em “viagem de estudos”. Quando a Zé alma grande (...) e sem piedade o fuzilaram. (...) Os candomblés puderam reabrir as portas dos terreiros (...) (p. 242)

Pode um bedel ser amigo de um professor? Archanjo considerava-se amigo de Silva Virajá. (p. 244)

Sabe o que significa Ojuobá? Sou os olhos de Xangô, meu ilustre professor. (...)

- Sou coerente, você não é!

- explodiu Fraga Neto:

- Se não acredita mais, não acha desonesto praticar

uma farsa, como se acreditasse? (p. 246)

Eu penso que os Orixás são bem do povo. A luta da capoeira, o samba de roda, os Afoxés, os atabaques, ao berimbaus são bens do povo. (...)

- Terreiro de Jesus, tudo misturado na Bahia, professor. (p. 247)

- O professor Fraga Neto agitava a plaquete, no auge da indignação (...) Exaltava-se com facilidade (...) -

Esse Argolo é um delirante perigoso, já é tempo que alguém lhe dê uma lição! (...) Todo o nosso atraso devia-se a mestiçagem. (p. 248)

(...) por ocasião da Assembleia constituinte de 1934, ouve-se que desentranhasse das arquivos da câmara as propostas contidas nas plaquetes do professor Nilo Argolo: Introdução ao estudo de um código de leis de salvação nacional. Há muito tempo Pedro Archanjo não se deixava possuir pela raiva. (p. 249)

Ainda no embalo da raiva, foi visitar Zabela, agora de todo incapaz de se locomover com as próprias pernas, presa a uma cadeira de rodas, velhíssima. (p. 250)

(...) Coronel Gomes. Ao saber da gravidez da filha, embarcara correndo para o Rio, infelizmente Lú perdera a criança, um aborto inesperado. (p. 251)

Em seu terceiro livro, Pedro Archanjo analisou as fontes da mestiçagem e comprovou sua extensão, maior do que ele próprio imaginara: Não havia família sem mistura de sangue. (p. 252)

Nos apontamentos, mestre Archanjo expôs a verdade completa e as famílias finalmente puderam conhecer de onde proviam (...) O mundo veio abaixo. (...) Os estudantes manifestaram a favor de Pedro Archanjo (...) Juntarem-se os de medicina aos de direito e engenharia, promoveram o enterro do professor Nilo D'ávila Argolo de Araújo (...) (p. 253)

Cercaram e aplaudiram o Bedel quando ele, sorridente e tranquilo, deixou a Faculdade, na tarde em que a congregação reunida em pleno, decidiu demiti-lo do cargo humilde, exercido a contento durante quase 30 anos, e proibir a sua entrada no recinto da escola. Imensa vaia recebeu o professor Nilo Argolo à saída da reunião. (...) Demitido e aclamado, Pedro Archanjo desceu a ladeira do Pelourinho.

Na Tenda dos Milagres esperavam-no Lídio Corró e dois secretas da polícia. - Esteje preso! – Disse um dos agentes.

- Preso? Porque, meu bom?

- Aqui está escrito: desordeiro, capadócio, mau elemento. Vamos, toque em frente. (p. 254)

Na polícia central foi trancafiado no xadrez. (...) A notícia se espalhou e, sem prévia combinação de toda parte começou o povo a se dirigir para a praça em frente a central de polícia. (...) Que crime cometeu? – perguntava o povo. (p. 255)

Sem uma palavra do governador, nada posso fazer, repetiu o chefe de polícia. Foi ele próprio quem deu a ordem de prisão, só ele pode mandar soltar. (...) Noite alta e ainda vinha gente pelas ruas, a praça plena. (...) Archanjo estava contente, fora um dia divertido. (p. 256)

Despede-se Fausto Pena: já era tempo. (p. 257)

Quanto a mestre Pedro Archanjo, aqui o deixo na cadeia, não o acompanho adiante, não vale a pena, que saldo positivo oferece seus últimos 15 anos, à exceção do livro de culinária?

Greve, operários, decadência, miséria. (p. 258) A ordem era apreender os exemplares dos Apontamentos, levaram junto o livro de Archanjo (...) (p. 262) Trazidos um a um por investigadores e soldados, os livros terminaram nos sebos. (...) Devendo os olhos da cara, sem qualquer perspectiva de restaurar a oficina, com urgência de dinheiro, Mestre Lídio vendeu as máquinas e as sobras de tipos quase a preço de ferro velho. (p. 263)

- Adeus, Tadeu canhoto. Da porta, Archanjo e Lídio viram-no subir a ladeira, o passo firme, girando a bengala na mão, um senhor importante, bem vestido, anel no dedo, circunspecto e distante, o dr, Tadeu Canhoto. Desta vez a despedida era para sempre. (p. 267)

Adeus, Tadeu canhoto, em teu caminho para cima. (p. 268)

Pedro Archanjo encontrou Lídio Corró (...) A brocha do pintor apaga as letras na fachada, já não existe a Tenda dos Milagres. Um velho desce a ladeira em passo lento. (...) a greve encontrou mestre Pedro

Archanjo a subir e descer as ladeiras do Pelourinho (...) (p. 269)

Esse é o falado Pedro Archanjo. Foi bedel da Faculdade durante uns 30 anos e é profundo conhecedor da vida baiana (...) Foi demitido da Faculdade porque escreveu um livro respondendo a um trabalho racista do professor Nilo Argolo. Archanjo provou, com seu livro que na Bahia todos somos mulatos. Foi um escândalo ...

- Oubitikô. – Porque esse nome?

– É dos sobrenomes do professor, um que ele nunca usou. Sobrenome herdado de bomboxê, um negro tataravô do professor. O professor (Fraga Neto) e o ex Bedel sentaram-se no bar Perez, como antes. O professor não via Archanjo há anos (...) não mais encontrou a Tenda dos Milagres. No local, o armarinho de um turco. (p. 270, 271)

Na mesa do bar constatava: caíra muito o velho Archanjo.

- Professor, vim lhe procurar a propósito da greve da circular. Movimento justo, professor, os salários são miseráveis. (p. 271)

Archanjo punha-se de pé, Fraga Neto levantou-se também, tirava a carteira para pagar a despesa: - Qual é o seu emprego na energia elétrica? - Entregador de contas de luz. (...) - Não me ofenda, professor. Guarde o dinheiro. Junte ao que vai dar para a greve. (p. 272)

De conversa em conversa, tomando nota na pequena caderneta preta, fazendo rir e chorar com casos e acontecidos, numa correria, viveu o velho Pedro Archanjo os últimos dias da sua vida. (...) Sozinho desde a morte de Lídio Corró. (p. 276)

Naquele quarto dos fundos do castelo de Ester, um cubículo estreito, viveu os últimos tempos, feliz da vida. (p. 277)

Se Hitler ganhasse a guerra poderia matar e escravizar todos os que não fossem brancos puros, arianos comprovados? (...) O velho Pedro Archanjo repetiu a resposta finalmente ouvida: - ... há de nascer crescer e se misturar, ninguém pode impedir. (...) Vou-me embora, (...) na escuridão da ladeira, em passo tardo, em derradeiro esforço, mestre Pedro Archanjo galga o caminho, anda para a frente. A dor o abre em dois. Apoia-se na parede do sobrado, rola no

Ai, Rosa de Oxalá! (p. 283) (...)

O salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, (...) para celebrar o centenário de nascimento de Pedro Archanjo, (...) Ao abri a magna sessão e convidar o governador para dirigi-la, (...) o presidente do Instituto (...) (p. 284)

O dr. Benito Mariz, (...) “Pedro Archanjo pertence a Faculdade de medicina, é patrimônio da grande escola, ali trabalhou e construiu, a Faculdade concedeu-lhe ambiente e condições”. Na tribuna, em página comovida, Edweis Vieira agradeceu ao “pai dos estudos folclóricos baianos” a imensa riqueza preservada do esquecimento e salva do abandono nas páginas de seus livros. (...) ao término do texto de gratidão e amor, dirigiu-se ao finado e lhe pediu: “A benção, pai Archanjo”. (p. 285) O professor Fraga Neto (...) Repetiu de memória: “A invenção do povo é a punica verdade, nenhum poder poderá jamais negá-la ou corrompe-la”. (p. 289)

1969 a escola de samba Filhos do Tororó levou as ruas o enredo (...) finalmente Aba Mercedes pode ser Rosa de Oxalá (...) dever em rebento e dengue.

(...) Exibia-se Ana Mercedes entre o principais assistas das gafeiras (...) (p. 290)

Nos atabaques, agogôs, chocalhos e cabaças, o candomblé de feitas iaôs e Orixás. (...) Os capoeiristas trocam golpes impossíveis (...) (p. 291)

Pedro Archanjo Ojuobá vem dançando, não é um só, é vario, numeroso, múltiplo, velho, quarentão, moço, rapazola, andarilho, dançador, boa prosa, bom no trago, rebelde, sedicioso. Grevista, arruaceiro, ticado de violação e cavaquinho, namorado, terno amante, pai d'égua, escritor, sábio, um feiticeiro (...) Todos pobres, pobres pardos e paisanos. (p. 292)

Posfácio: João José Reis: Tenda dos Milagres é um apaixonado manifesto em defesa da mestiçagem, que é insistentemente definido como “a solução brasileira para o conflito racial” (...) Amado fala de Hierarquias sociais e luta de classes, (...) da ameaça da cultura popular pela modernização (...) O elogio da miscigenação racial, (...) Desde o início do século XX, a mestiçagem foi vista positivamente por intelectuais brasileiros (...) Silvio Romero e Oliveira Viana. (...) Como Manuel Bonfim. (...) Gilberto Freyre é (...) seu herdeiro. (...)

Casa grande & Senzala, 1933. (...) que a mestiçagem e o reconhecimento específico do mestiço na hierarquia social. (p. 293)

O principal argumento para a afirmação de uma ideologia da democracia racial (...) Tenda dos Milagres sugere que a mestiçagem é um ethos brasileiro desde a muito, que no Brasil, e em particular na Bahia. O preconceito de cor seria uma ideia fora de lugar. (...) racistas (...) fossem acadêmicos, autoridades do governo, (...) A figura de Nina Rodrigues é o modelo para a criação do personagem Nilo Argolo. (...) Já Pedro Archanjo resultaria de uma operação mais complicada. Amado declarou ser sua criação “a soma de muita gente misturada” (...) destacando Miguel Archanjo Barradas Santiago (1896-1974) (...) como Pedro Archanjo (...) seria mulhengo e tinha o alto posto de obá Até no terreiro do Axé Opô Afonjá. Esse o lado popular (...) o lado “intelectual” e militante foi inspirado no mestiço Manuel Querino (1851 – 1923), abolicionista, professor de desenho, sindicalista e estudioso da história e cultura do negro na Bahia (...) (p. 294, 295)

acreditava ele. Nina mediu crânios, decifrou fisionomias, hipnotizou criminosos para chegar a essa conclusão. (...) Um código criminal diferenciado para brancos e negros-mestiços (...) de separatismo racial na mente de Nilo Argolo. Manuel Querino (...) escreveu A arte culinária na Bahia (...) escreveu A raça africana e seus costumes no Brasil (1916), assim como Archanjo, (...) pública Influências africanas nos costumes da Bahia. (1918). Querino migrara para o livro Tenda dos Milagres para demonstrar a superioridade das pesquisas de Archanjo sobre as de Argolo (...) Querino atuou no movimento operário de seu tempo, da mesma forma que Archanjo organizava greves de trabalhadores (...) Mas, além de descrever a vida popular da Bahia de seu tempo, Querino não deixou de emitir opiniões fortes em relação ao preconceito contra o negro (...) (p. 296, 297) Cidadania plena para negros e mestiços, (...) da militância intelectual, sindical e política de Manuel Querino. (...) Quanto à Nina, a par de suas teses racistas, combateu a repressão policial aos candomblés (...) chegou a contestar a legalidade

das perseguições. (...) Nilo Argolo aplaude com entusiasmo a “guerra santa” do subdelegado Pedrito gordo contra os candomblés. (p. 297) (...) Amado expressa o espírito antipopular da imprensa, que via as manifestações culturais de extração africana como bárbaras, um espetáculo ao avanço da civilização em terras baianas. (...) Nina reproduziu (para provar suas teses) matérias de jornais da época contra candomblés e afoxés que nosso romancista copiou ipis litteres em seu livro. (p. 298)

É o momento do livro em que Jorge Amado confronta o regime militar. (...) lamenta a proibição de comícios políticos pelo militares, denuncia a censura (...) Assim como Marighela, que escreveu uma prova em versos (...) Tadeu canhoto lavrou uma “Prova em verso decassílabos”. (p. 299, 300)

Os professores Ramos e Azevedo (...) desencorajados a organizar o simpósio sobre relações raciais, um dos eventos a celebrar os cem anos do nascimento de Pedro Archanjo (...) Amado dá seu recado com todas as letras: a identidade negra não interessa ao Brasil, interessa ao Brasil a identidade mestiça (p. 301).

O mulato Tadeu encerra a sua Participação em Tenda dos Milagres, a caminho da França, onde sua mulher, branca alvíssima, fará tratamento para engravidar. (...) permitirão (...) mistura o sangue. Ele, mestiço bem sucedido (...) que Jorge Amado ilustra com brilho. (p. 302)

## CONCLUSÕES

Tenda dos Milagres é uma obra na qual Jorge Amado imprime uma identidade nacional, com as particularidades culturais da Bahia, manifestadas no candomblé, capoeira, comidas típicas e nas festas populares, em meio a tipos folclóricos dos becos e ladeiras de Salvador, frequentando os terreiros, defendendo os mestiços perseguidos pela elite racista e da polícia. O romance escrito em 1969, em pleno regime militar no Brasil e movimento negro nos Estados Unidos (em abril de 1968 havia sido assassinato o pastor Martin Luther King), segue a linha típica das prosas de Jorge Amado, tendo a cidade de Salvador como cenário, e a vida do povo baiano retratada num enredo fascinante de

personagens típicos da cultura popular, com homens capoeiristas, professores, doutores e boêmios, em tramas que envolvem mulheres místicas, bonitas e encantadoras. O romance critica o racismo, alternando passado e presente, acompanhando a vida e as ideias de Pedro Archanjo na primeira metade do século XX, que afronta as ideias racistas da época, escrevendo quatro livros, fazendo-o perder o emprego de bedel na Faculdade de Medicina: A vida popular na Bahia; Influências africanas nos costumes da Bahia, Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas e A culinária baiana — Origem e preceitos.

Na obra, Jorge Amado consegue aliar a denúncia social, que sempre foi a espinha dorsal da sua obra, a uma prosa corrente, de saborosa leitura, recheada de tipos característicos de seus personagens, como é o caso de Pedro Archanjo, o Ojuobá, (ou "olhos de Xangô"), rei do terreiro, dos afoxés e o chamego das mulheres. Pai do povo deserdado da Bahia e os olhos de Xangô, dos negros, dos mestiços e da gente pobre. É um mestiço místico, intelectual, autodidata

forjado pela vida, sem formação acadêmica. Ele é bedel da Faculdade de Medicina, ajudando a fazer as chamadas e anotando as faltas dos alunos, e ao mesmo tempo o mentor da Tenda dos Milagres, uma casa de espetáculo e de saber, é quase uma universidade popular assentada na ladeira do Tabuão. Em 1968 chega a Salvador o professor americano de Colúmbia e prêmio Nobel James Levenson, provocando tumulto, pois o objetivo da sua viagem é buscar quatro livros de autoria de Pedro Archanjo, como documentos que registrariam a formação do povo baiano. Os elogios do professor desperta interesse da imprensa, que passa também a fazer diversas homenagens ao escritor, envolvido com o sincretismo religioso da Bahia e defensor da cultura negra. Além disso, é um amigo fiel, capaz de abdicar do seu amor pela negra Rosa de Oxalá, em favor do mestre Lídio Corró. Pedro podia se dar a esse luxo, pois era cercado de amores, como Kirsi, Sabina, Rosália e Dedé.

Como um herói, era amado por tantos, mas frequentemente combatido pelos poderosos.

Tenda dos Milagres é uma obra que articula um painel de atividades na estrutura social em diálogos que exploram e desvendam particularidades dos conflitos humanos entre as personagens, num espaço ficcional situado no Pelourinho, uma verdadeira Universidade popular da rua e da vida, onde os amigos trabalhavam com candomblé e capoeira de Angola. Era na ladeira do Tabuão, 60, que ficava o espaço Tenda místico, que bem poderia ser a reitoria de Pedro Archanjo. Perto do Tabuão fica o Terreiro de Jesus, onde está a Faculdade de Medicina, também incluída no romance como núcleo do saber científico das elites e do poder do Estado, em oposição ao espaço de cultura popular, ajudando na construção dos conflitos do texto estruturado nas ideias do herói Pedro Archanjo e do ódio do professor vilão Nilo Argolo, que desprezava as suas teorias de valorização da miscigenação, e considerava os mestiços como "degenerados". À época, o Brasil vivia num clima autoritário da ditadura militar. Pedro Archanjo conheceu Lídio Corró na juventude, com quem dividiu a luta contra o

preconceito racial e religioso, era o "riscador de milagres", um artista que descreve as cenas milagrosas em pequenas telas. Os folhetos de literatura popular de Archanjo transformaram a Tenda dos milagres numa espécie de universidade de cultura popular livre. O romance combate as críticas contra o candomblé e outras manifestações da cultura negra, através de Pedro Archanjo, personificando a formação étnica e cultural brasileira e baiana, para preservar as tradições populares no regime militar, alternando registros eruditos e populares, criticando a elite local pela aceitação de teorias racistas europeias do início do século XX, ironizando a valorização tardia da obra dos intelectuais negros, que só ocorre graças à iniciativa de um professor estrangeiro. Na ladeira do Tabuão, Lídio Corró tem sua modesta tipografia e pinta quadros de milagres de santos. O mulato Pedro Archanjo é uma espécie de intelectual orgânico do povo afrodescendente da Bahia, que estuda a herança cultural africana, fazendo a defesa entusiástica da miscigenação que abala a ortodoxia acadêmica e causa indignação entre a elite branca

e racista. A segunda parte da história é centralizada na comemoração do centenário de nascimento do herói Pedro Archanjo, narrada entre amores, polêmicas e confrontos com a polícia, num ambiente de resistência contra a repressão violenta a que foi submetida nas primeiras décadas do século XX. Por causa das manifestações favoráveis ao candomblé, a capoeira, os afoxés e o samba de roda, o romance ainda traz a sensualidade feminina e o amor à cultura afro-brasileira e seu humanismo radicalmente libertário, repleto de hierarquias sociais e lutas de classes, sincretismo, principalmente o religioso, de colonialismo cultural e regime militar, das limitações do pensamento da juventude esquerdista e ameaça da cultura popular pela modernização, no final da década de 60. A mestiçagem começa a ser destacada por vários autores, para misturar as raças e evitar confrontos, como é o caso da obra Casa grande & senzala, de Gilberto Freyre, em busca do “principal argumento para a formação de uma ideologia da democracia racial”, por isso na Bahia não teria mais

lugar ao preconceito de cor, contrariando os acadêmicos, autoridades de governo e proprietários. Personagens como Nilo Argolo, tiveram como modelo o médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, mas Pedro Archanjo não tem um modelo específico, segundo Jorge Amado, é “a soma de muita gente misturada”. O lado intelectual e militante teve como modelo o mestiço Manuel Querino, sindicalista, abolicionista e professor de desenho. O autor chega ao cúmulo de lançar um livro de ficção de Nilo Argolo com o mesmo nome do livro de Nina Rodrigues, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, para caracterizar ainda mais a semelhança. Para Nina, “o mestiço era, fatalmente, um degenerado”. Eram as raças selvagens. “Nina mediu crânios, decifrou fisionomias, hipnotizou criminosos para chegara essa conclusão”. Ele queria que o código criminal fosse diferenciado para branco e negros-mestiços, transformado num plano separatista “racial na mente de Nilo Argolo”. Outras relações se dão entre Manuel Querino, que escreveu *A arte culinária na Bahia* e Pedro Archanjo que escreveu um livro sobre a culinária, escondendo muita coisa

“debaixo da tenda do saber”. Manuel Querino escreveu A raça africana e seus costumes no Brasil, e Archanjo escreve Influências africanas nos costumes da Bahia. Há confluências no plano da militância social, já que Querino era operário e sindicalista, e Pedro Archanjo organiza greves na Tenda dos Milagres. “Querino não se meteu abertamente em querelas teóricas com o pensamento racista”, mas descreveu como era naquela época a vida popular na Bahia, emitindo opiniões sobre a discriminação e preconceito contra os negros. No livro O africano como colonizador ele destaca que descendentes da raça negra estavam ocupando postos elevados “em todos os ramos do saber humano”. Querino e Pedro Archanjo defendem o valor dos mestiços na formação intelectual do Brasil, buscando oferecer uma cidadania plena para negros e mestiços. Apenas algumas diferenças são registradas com Pedro Archanjo, pois Querino considerava as “sociedades africanas mais adiantadas que as indígenas, e mais atrasadas que as europeias”. Por outro lado, Nina combateu as repressões policiais contra o candomblé, inclusive

contestou a legalidade daquelas perseguições. Ao contrário dele, “Nilo Argolo aplaude com entusiasmo a guerra santa do subdelegado Pedrito Gordo contra os candomblés”. No romance, é criticado o “espírito antipopular da imprensa, que via as manifestações culturais de extração africana como bárbaras, um obstáculo ao avanço da civilização em terras baianas”. É o regime militar, sem a possibilidade de comícios políticos, num ambiente de censura à imprensa, incluindo na Tenda dos Milagres o episódio da invasão da polícia ao Mosteiro de São Bento, que era chefiado pelo Abade d. Timóteo Amoroso Anastácio, para perseguir e prender estudantes e professores universitários. Para incluir a predileção do autor Jorge Amado pelo comunista, cita Carlos Marighella, que escreveu uma “prova em versos” na adolescência, fazendo com que seu personagem Tadeu Canhoto também escreva uma “prova em versos decassílabos”. Com medo do regime, os professores Ramos e Azevedo não aceitam organizar o simpósio da festa dos cem anos do nascimento de Pedro Archanjo. Os estudantes na ocasião fazem

manifestações anti-imperialistas, e apedrejam o consulado americano. O Brasil já tinha na mestiçagem a solução dos problemas raciais. Amado diz que “a identidade negra não interessa ao Brasil, interessa ao Brasil a identidade mestiça”, ao tempo em que denuncia o racismo através de Pedro Archanjo. Tadeu Canhoto ao testar a veracidade da amizade que desfruta de uma família branca e rica, se apaixona e quer casar com a filha do casal e tudo se ajeita, com a sua ascensão social, desprezando as pessoas e valores culturais populares com os quais conviveu na sua formação, passando a servir de “braço direito” do engenheiro Paulo Frontin, com obras que destruíram moradias populares para abrir avenidas e fazer o progresso e o lazer da modernidade. O mulato Tadeu vai para a França com a esposa, que faz um tratamento e consegue engravidar, misturando o sangue de um mestiço com o da moça branca Lú, filha de rico fazendeiro, como estratégia de final o livro e consecução do objetivo do autor.

No posfácio do livro que Jorge Amado diz ser seu predileto, João José Reis afirma que a Tenda dos milagres é um “apaixonado manifesto em defesa da mestiçagem, que é insistentemente definida como a solução brasileira para o conflito racial pelo herói Pedro Archanjo”.

Jorge Amado tem sua vida filiada à chamada “geração de 1930”, que buscava novos caminhos para a solução dos problemas, tornando-se por quase 70 anos um importante formador de opinião no Brasil, trazendo da Europa e levando suas inquietações desde o Rio vermelho da Bahia, como um intermediário cultural. O protagonista Pedro Archanjo, mulato forte e bonito, beberrão e louco por um “rabo de saia”, mas muito apaixonado por Rosa de Oxalá, amante de seu amigo-irmão, Lídio Corró. Amado faz da Tenda dos milagres uma mistura de temas recorrentes, desde a arte, amores, culinária e a religiosidade da população mestiça, com seus problemas sociais e econômicos, marcados pela intimidade e personalismo, dentro do seu olhar de “humanismo brasileiro”, acontecendo uma ampla festa popular.

Os dois segmentos temporais estão estruturados por um lado na vida sofrida de Pedro Archanjo e seus pensamentos mestiços, e brigas com Nilo Argolo, professor da Faculdade de Medicina. Por outro, o tempo está na preparação das comemorações de primeiro centenário, em 1968. Nilo Argolo é o personagem que desperta a raiva e a curiosidade científica em Archanjo e na pequena oficina tipográfica de Lídio Corró. Pedro Archanjo consegue imprimir seus textos. Archanjo morre sem conseguir ser professor, vinte anos depois de Querino. Tenda dos Milagres virou mini série na rede Globo, em 1985. Foi mérito de Jorge mostrar ao grande público as mazelas sociais de uma época, para inserir o Nordeste do Brasil, num debate histórico e processo de construção identitária cultural dinâmica da Bahia e brasileira, nas questões raciais complexas e polêmicas, devendo priorizar as relações sociais locais.

Mesmo tendo uma noção de mestiçagem, é fundamental que se perceba a singularidade brasileira para entendê-la, que na década de 1870 começaram as teorias científicas com base na

ideia de raça, importada ao ponto de favorecerem a criação da Lei Eusébio de Queiroz, aprovada em 1850, que proibiu o tráfico negreiro no Brasil, contra a pressão inglesa, seguida pela Lei do Ventre Livre, em 1871, determinando que as crianças filhas de escravas nasceriam livres, a partir daquela data e, por último, a Lei dos sexagenários, em 1885, que libertou os escravos de 60 anos ou mais, estabelecendo no segundo império a política emancipacionista, o que não agradava as elites escravocratas. Jorge Amado registra sua preferência por uma mestiçagem sem exclusões, fazendo Pedro Archanjo Ojuobá viver em perfeita harmonia com brancos e negros, criticando e combatendo as atrocidades do pelourinho, pois entende o termo mestiçagem como problemático indicando preconceito, branqueamentos dissimulados e apagamento, sendo ouvido inicialmente na Europa, por ser comunista, e depois pela mídia, especialmente a TV, com as suas obras transformadas em séries e novelas, valorizando mais a imagem do autor, que a sua produção.

## REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. Tenda dos milagres. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. FONSECA, Aleilton & PEREIRA, Rubens Alves (orgs.). Rotas & Imagens: literaturas e outras viagens. F. Santana-Ba: UEFS- Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000.

FRAGA, Myriam et al. Jorge Amado nos terreiros da ficção (org.). Itabuna: Via Litterarum; Salvador: Casa de palavras - FCJA, 2012.

PINHO, Adeíto Manoel. Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=3853](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=3853)